



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIMAUÁ
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

GABRIEL REIS PIRES PEREIRA

**A INFLUÊNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO E NA
MANUTENÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANA**

Taguatinga – DF

2021

GABRIEL REIS PIRES PEREIRA

**A INFLUÊNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO E NA
MANUTENÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
elaborado como requisito para obtenção
do Título de Bacharel em Psicologia, sob a
orientação das Professoras Raphaella
Caldas e Meg Gomes.

Taguatinga – DF

2021

Artigo de autoria de Gabriel Reis Pires Pereira, intitulado “A influência da arte no desenvolvimento e na manutenção da psicologia humana”, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia no Centro Universitário UniMauá, em 29 de outubro de 2021, defendido e aprovado pela seguinte banca examinadora:

RCSCaldas

Profa. Msc. Orientadora Raphaella Christine Souza Caldas
Professora do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UniMauá

Mgmartins

Profa Msc. Meg Gomes Martins de Ávila
Membra da Banca Examinadora
Coordenadora do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário
UniMauá

Bruna M. B. da Silva França

Profa. Msc. Bruna Maria Barbosa da Silva França
Membra da Banca Examinadora
Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

Ao Bob, que esteve presente por toda minha vida, mas não pôde estar comigo ao fim desta etapa. Que eu possa ter te devolvido um terço do teu amor. Que sua lembrança traga conforto em tempos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, cujo apoio tornou possível a realização deste trabalho e de toda minha vida acadêmica.

Agradeço aos meus amigos, cuja presença me permitiu sorrir diante das dificuldades e aliviar o peso da vida cotidiana. Aos Frangalhos Humanos, ao Agytoê, aos Camaradas, ao Clube do Vinho e todos os outros que tornaram a produção deste trabalho menos exaustiva.

Agradeço a minha irmã, cuja companhia tornou os dias de isolamento menos sofríveis. Por ter suportado minhas constantes reclamações e desnecessária catastrofização. Enquanto artista, este trabalho também é para ela.

Agradeço aos artistas, uma vez que sem eles este trabalho não poderia sequer ser concebido. A todos os pintores, escultores, musicistas, escritores, diretores de cinema e videogames. A todos aqueles que possuem a coragem de compartilhar conosco as suas maiores intimidades, medos e inseguranças, da forma mais bela que poderiam.

Agradeço, mais especificamente, ao Tetsuya Nomura, Chester Bennington, Jostein Gaarder, Hayao Miyazaki e tantos outros pelos artistas que são e por ter me permitido experienciar parte de sua visão de mundo. Por terem sido parte importante da formação de minha própria visão de mundo.

Por último, quero agradecer a todos os professores e colegas que me ajudaram ao longo dos anos. Mais especificamente à minha orientadora Raphaella Caldas, por seu apoio e prestatividade.

“Everyone must leave something behind when he dies, my grandfather said. A child or a book or a painting or a house or a wall built or a pair of shoes made. Or a garden planted. Something your hand touched some way so your soul has somewhere to go when you die, and when people look at that tree or that flower you planted, you're there. It doesn't matter what you do, he said, so long as you change something from the way it was before you touched it into something that's like you after you take your hands away. The difference between the man who just cuts lawns and a real gardener is in the touching, he said. The lawn-cutter might just as well not have been there at all; the gardener will be there a lifetime.”

(Ray Bradbury)

A INFLUÊNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO E NA MANUTENÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANA

Gabriel Reis Pires Pereira¹

RESUMO

O seguinte artigo se propõe a pesquisar as convergências entre a arte e a psicologia. Foram abordados tópicos relacionados ao tema principal, abrangendo o surgimento da arte e seu desenvolvimento junto ao psiquismo humano, a arteterapia e suas aplicações no cotidiano do indivíduo, a estética e a arte enquanto disciplina, a análise psicológica da arte e suas diferentes perspectivas. Para isso, utilizou-se, principalmente, da abordagem psicanalítica, da neuropsicológica e da histórico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Psicologia. Neuropsicologia. Psicanálise. Arteterapia.

ABSTRACT

The following article proposes to research the convergences between art and psychology. Topic related to the main theme will be addressed. It will talk about the emergence of art and its development beside the human psychism, about art therapy and its applications on people's daily life, about the aesthetic and art as a academic discipline, about the psychological analysis of art and its different perspectives. For that this article will use, mainly, the psychoanalytic, neuropsychological and cultural-historical psychology approaches.

KEY WORDS: Art. Psychology. Neuropsychology. Psychoanalysis. Art therapy.

¹ Graduando de Psicologia pela UniMauá. Gabriel.r.pp@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A arte pode ser entendida como qualquer forma de externalizar e dar existência material a quaisquer sentimentos ou emoções experienciadas pelo artista. O que a arte representa para o artista e para aqueles que a experienciam, por sua vez, é uma questão pessoal, variante e subjetiva demais para ser conceituada de maneira generalizada.

A Psicologia é uma ciência que se propõe a estudar e, da melhor maneira possível, explicar, dentre outras coisas, os fenômenos da mente e do cérebro humano. Ainda que os primeiros estudos a respeito do comportamento humano possam voltar até o século V a.C, onde os filósofos da época debatiam assuntos relevantes para os atuais psicólogos, o nascimento da psicologia enquanto ciência só se concretizou em meados do século XIX, quando começou o uso do método científico para investigar fenômenos mentais e Wilhelm Wundt começou a operar o primeiro laboratório de psicologia (SCHULTZ, 2019).

O diálogo entre arte e ciência não é novidade, principalmente para a comunidade acadêmica de psicologia que é tão familiar com a necessidade da interdisciplinaridade para o exercício profissional da psicologia. É com esse entendimento que este trabalho se propõe a explorar a conjunção psicologia-arte sob visões diversas.

Ainda que se entenda que todas as formas de expressão artística são válidas, o seguinte artigo não poderia ter a pretensão de abordar todas elas e seus cruzamentos com a psicologia. Com intuito de estreitar o escopo deste artigo, a literatura, a pintura e a escultura serão o foco, porém não necessariamente o limite das discussões aqui abordadas. Com isso, a maior parte do presente artigo será voltada para as formas de arte citadas anteriormente, mas breves citações sobre outras expressões, como a música, aparecerão ao longo do texto.

A arte é parte integral da vida cotidiana do ser humano desde seus primórdios. Ela caminhou e evoluiu lado a lado com a humanidade, em diversas formas e através de diversos meios. O ser humano sentia, e ainda sente, a necessidade de externalizar suas emoções e sentimentos por meio da arte.

Como, então, a arte contribuiu para a formação e a manutenção do que hoje entendemos como psicologia humana e quais são seus impactos na saúde mental da

população? O estudo dessa relação arte-psicologia tem seu início há muitos anos, antes mesmo da própria psicologia enquanto ciência.

Este trabalho se justifica, portanto, pelo entendimento de que a arte é parte indissociável da história humana. Entender como se dá essa relação pode ser imensamente benéfico para a compreensão do ser humano enquanto espécie, de seus sentimentos e emoções, e como os indivíduos entram em contato com essas sensações.

Este artigo possui, ainda, motivações de caráter pessoal para justificar sua produção. A arte tem sido parte importante da vida do autor desde que ele possa se recordar. Tomar parte na prática artística é sempre motivo de prazer, ainda que o indivíduo não se considere um artista ou tenha habilidades notórias como tal, mas principalmente tomando parte enquanto observador da arte.

Acredita-se que toda forma de arte seja válida, ainda que cada pessoa tenha suas preferências por uma ou outra. É importante mencionar que os avanços tecnológicos permitiram que a forma de produzir e consumir arte tomasse formas totalmente novas, como a arte digital, os videogames – que são formas incríveis de se contar histórias – e a produção de novas musicalidades. Estas também devem ser apreciadas e serão tratadas neste trabalho considerando, suas individualidades.

Portanto, para aquele que se considere amante da arte e seja estudioso da psicologia, a escolha deste campo de estudo se torna bastante óbvia. Todavia, o trabalho seguirá a linha de pensamento de Freud (2015), quando diz que é leigo quanto as técnicas artísticas, sendo o conteúdo dessas obras que realmente o atraem.

Este artigo, portanto, procura analisar as influências que a arte teve sobre a psicologia humana e como ela impacta a saúde mental da população, além de verificar a perspectiva das abordagens psicanalítica, vygotskyana e neuropsicológica sobre o encontro psicologia-arte, bem como comparar e, quando possível, convergir as ideias apresentadas por essas abordagens. Por último, pretende discutir, baseado na literatura disponível, como a arte influenciou na psicologia humana ao longo do tempo e seus impactos na saúde mental.

Foi realizada uma revisão de literatura com o foco em livros e artigos científicos que abordassem a psicologia da arte, o papel da arte no desenvolvimento social e neurológico do ser humano, arteterapia e aplicação da arte em contextos terapêuticos diversos. Foi observada uma forte presença desses três autores – Freud, Kandel e Vygotsky – na literatura revisada. Ainda que se encontre uma vasta gama

de estudos que façam a ponte entre psicologia e arte, poucos estudos foram encontrados durante a revisão de literatura que abordassem as influências desta sobre o desenvolvimento psicossocial humano e seus impactos fora do *setting* terapêutico.

A partir dessa leitura, puderam ser observados alguns pontos importantes. O próprio conceito de arte parece diferenciar ligeiramente de acordo com cada autor, ainda que a definição geral seja semelhante. Zaidel (2016) define arte como uma criação humana que objetiva comunicar as ideias e emoções do artista, enquanto Vygotsky (1999) vê a arte como um conjunto de signos estéticos que pretendem trazer à tona emoções naqueles que a experienciam.

O mesmo pode ser dito para como esses autores compreendem o diálogo entre psicologia e arte. Zaidel (2016) acredita ser necessário, para o entendimento do fenômeno da criação artística, mais do que estudos neuropsicológicos, mas também estudos evolucionários, antropológicos, arqueológicos, biológicos; Vygotsky (1999) entende que, para entender a arte a partir de um ponto de vista psicológico, é necessário o entendimento da obra em si, não do autor ou daquele que a observa; Kandel (2012) relata sobre como, uma vez que a arte é uma criação da mente, um estudo da arte deve incluir a neurociência, assim como a psicologia cognitiva.

O seguinte artigo foi realizado a partir de uma revisão de literatura. Como critérios de inclusão pesquisou-se material literário disponível sobre o tema nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa. Também foram selecionados majoritariamente artigos com humanos, tendo uma exceção, e publicados entre os anos 1999 e 2021. Com o intuito de trazer diferentes perspectivas sobre o assunto, foram utilizados como base teórica, principalmente, três autores de três diferentes abordagens: Freud, Vygotsky e Kandel. Além da diversidade, a escolha desses autores também foi influenciada pelo interesse dos mesmos sobre o tema.

Foi realizada uma busca bibliográfica utilizando-se das palavras-chaves “arte e psicologia”. Foram reunidos 50 artigos, dos quais 27 foram excluídos por não usarem as abordagens escolhidas para a realização deste trabalho ou por não abordarem diretamente a relação psicologia-arte.

2 O SURGIMENTO DA ARTE

É importante, a primeiro momento, entender quais as origens da arte e suas formas de expressão. Dessa forma, pode-se ter uma ideia melhor de como essa arte se entrelaça com a evolução neuro anatômica e cognitiva do ser humano ao longo dos anos. Portanto, um breve diálogo com a antropologia e com a biologia se fará necessário. A seguir será discutido, além dos aspectos psicológicos, essa introdução da arte no cotidiano do homem primordial.

A criação das diferentes formas de arte está ligada exclusivamente à humanidade desde tão cedo quanto registros podem mostrar. O fato de que o ser humano é a única espécie que cria arte espontaneamente mostra uma ligação clara entre a cognição humana e o desenvolvimento da arte (ZAIDEL, 2016).

A forma como o *Homo Sapiens* evoluiu em sua biologia é um fator extremamente relevante para o desenvolvimento da arte. Ainda que a evolução cognitivo-cerebral tenha sido o principal fator de separação entre as espécies, outros aspectos da anatomia humana os diferenciam de outros animais e pode ter colaborado com a habilidade de se expressar artisticamente.

O olho humano é um órgão complexo composto por diversas estruturas com funções únicas. Uma dessas estruturas é a retina, que possui quatro classes de fotorreceptores. Fotorreceptores são um arranjo de células nervosas sensíveis à luz que respondem à posição da fonte de luz e à intensidade da luz e cores que essa fonte emite. Três das quatro classes de fotorreceptores presentes na retina são cones. Esses cones permitem ao ser humano enxergar detalhes, tornando possível o processo biológico de percepção da arte por meio visual (KANDEL, 2012).

É possível que as primeiras expressões artísticas tenham caráter intrinsecamente visual. O ser humano depende largamente de suas capacidades visuais para o seu cotidiano. Cerca de metade de todas as informações sensoriais recebidas pelo cérebro humano provém da visão. É a partir do visual que a humanidade escolheria qual comida comer, ou qual parceiro sexual mais adequado. Sem a visão como é conhecida provavelmente não haveria arte (KANDEL, 2012).

No entanto, ainda que houvesse uma escassa expressão de algo que pudesse se chamar de arte na África há 200 mil anos, foi só por volta de 45 mil anos atrás que se registram evidências abundantes da criação de artes visuais. A ausência de escrita e com a pintura sendo usada especialmente de forma estética, e não como forma de representar visualmente um cotidiano, dificultaram o registro de outras

formas de arte, como a dança, realizadas por esse ser humano primordial (ZAIDEL, 2016).

Ainda que uma produção consistente de arte só foi surgir após a imigração do *Homo Sapiens* para a Europa Ocidental, sinais de uma cognição simbólica, como símbolos cuidadosamente gravados em pedaços de ocre, já se mostram presentes há cerca de 77 mil anos, ainda na África. Isso pode mostrar que o início do processo cognitivo que permitiu a criação e produção da arte como conhecemos hoje aconteceu bem mais cedo do que se imaginava (ZAIDEL, 2016).

É neste mesmo período que acontece o fenômeno que Harari (2011) vai chamar de Revolução Cognitiva. Foi durante este período, de 30 mil à 70 mil anos atrás, que se originou vários dos conceitos e construtos sociais que conhecemos hoje, como o comércio, a religião e, é claro, os primeiros registros concretos da arte.

Não muito tempo depois é que a participação da arte no cotidiano do homem toma forma de vez:

De 25 000 a.C. a 1 400 d.C., a história da arte não é apenas uma história de evolução do primitivo para o sofisticado, nem do simples para o complexo, mas sim, uma história das formas variadas que a imaginação materializou em pintura, escultura e arquitetura (HEIJDE, 2006, p. 8).

Uma das questões que permanecem é sobre de onde surgiu essa capacidade de representação artística e quais evidências se tem sobre o tema. Uma das mais importantes teorias sobre o assunto fala sobre como o ser humano, animal intrinsecamente social, se utilizava de representações artísticas aplicadas ao próprio corpo, como pinturas e decorações, para se distinguirem dentro dos próprios grupos sociais. Dessa forma, essas pessoas poderiam se identificar com aqueles que lhe eram semelhantes (ZAIDEL, 2016).

Essa ideia carrega ainda mais peso considerando que a maneira como os humanos percebem possui características emocionais muito específicas, e essas características variam grandemente de acordo com o humor do indivíduo. Artistas, ao longo dos anos, se utilizaram das cores para causar algum tipo de emoção no observador. Qual emoção e sua intensidade variam muito de acordo com o próprio observador e o contexto no qual aquela cor está inserida (KANDEL, 2012).

É possível imaginar, então, que essas pinturas corporais, utilizadas por humanos antepassados, fosse usada também como uma forma de causar uma

determinada emoção aos outros membros de seu próprio grupo social, bem como para membros de outros grupos que entrasse em contato com eles.

Por esses e outros motivos é que, durante muitos anos, a história da arte se confundiu com a história da cultura. Tudo aquilo que era belo estava profundamente relacionado as formas de expressão cultura, tais como a religião e política até às técnicas que sustentavam a sobrevivência. Independente de qual fosse o escopo da vida social, a arte preencheria funções socialmente importantes. Não só essa arte primeva era indissociável dessas expressões culturais, como na própria época clássica a educação grega giraria em torno da ideia de uma convergência do valor estético com os valores éticos da comunidade. Essa forma de educação jamais dissociaria a ética e a política da estética e das técnicas de produção dos belos objetos (ROSENFELD, 2006).

Há a visão, ainda, de que a arte se origina como uma possível estratégia de acasalamento. O *Homo Sapiens*, assim como qualquer outro animal no planeta, tem a necessidade biológica de propagar a espécie. Partindo do pressuposto de que o ser humano se utilizaria da arte como forma de melhorar a visão de um possível parceiro de acasalamento, se assume uma perspectiva muito mais biológica quanto ao surgimento da arte (ZAIDEL, 2016).

Ainda na natureza, é possível observar esse fenômeno em um outro animal. Os ptilonorrinquídeos, ou pássaros-jardineiros, são uma espécie de ave que constroem algo semelhante a um caramanchão, com o intuito de impressionar e atrair possíveis companheiros de acasalamento. Essas estruturas não possuem nenhum propósito prático. Eles não habitam ou criam seus filhotes ali, possuindo apenas finalidade estética, artística. Em uma observação mais a fundo, percebe-se que o tamanho do cérebro presentes nesses pássaros está relacionado à complexidade e nível de detalhes dos caramanchões, sendo verdade tanto para o macho que o constrói quanto para a fêmea que o observa. Isso mostra que as características neuro anatômicas nesses animais influenciam em sua habilidade de criar e observar (ZAIDEL, 2016).

O que diferencia os pássaros-jardineiro de outras espécies animais é exatamente esse despropósito objetivo de suas criações. No entanto, ainda que as estruturas criadas pelo ptilonorrinquídeo não possuam um propósito concreto em si, elas ainda servem a um propósito simbólico para aquele animal, assim como o ser humano primitivo se utilizava das pinturas corporais.

O que vai realmente diferenciar as produções artísticas humanas encontradas na Europa Ocidental algumas dezenas de milhares de anos atrás, daquelas primeiras formas que o ser humano encontrou de se expressar, que muito se assemelhava com a maneira que os ptilonorrinquídeos trabalham, é a verdadeira separação da necessidade de conceder a arte um propósito, seja ele concreto ou simbólico, que tenha impacto objetivo para além do artista.

O que se expressa aqui, no entanto, não é a afirmação de que a arte produzida a partir daquele ponto seja completamente desprovida de propósito, o exato oposto em fato. A arte, desde desse primeiro movimento no qual se passa a ter uma produção consistente da arte até os dias atuais, está repleta de propósito e significado, não só para o artista que a produz, mas também para aquele que a observa. A principal diferença entre essas duas formas de perceber a arte é que, nessa última, todos os efeitos dessa arte são internos e individuais.

A arte pode, é claro, ter propósitos concretos e simbólicos objetivos, mas a habilidade de produzir arte de forma com que o intuito dela seja uma realização interna, psicológico-emocional para os autores aqui citados é algo, aparentemente, alcançável apenas através da psique humana. Adiante neste trabalho, quando for ser tratado sobre a utilização da arte como terapia, no qual o propósito da produção artística está inteiramente ligado aos benefícios dessa para a saúde mental, a ideia anterior ficará mais clara.

O que se pode dizer, então, dessa psique humana que permite a produção da arte? O processo de desenvolvimento da consciência humana foi longo e demorado até chegar ao atual cenário, e ele ainda está evoluindo. Dito isso, o que se entende como psique não se limita à consciência e os conteúdos dela, pois afirmar isso acarretaria na negação do inconsciente e na ideia de que se tem todo o conhecimento sobre a psique. Afirma-se, então, apenas aquilo que se acredita ser ela (FERREIRA, 2009).

De acordo com Migliorini (2008 *apud* FERREIRA, 2009), Jung vai entender essa psique como o verdadeiro inconsciente e os símbolos como um registro do desenvolvimento da consciência. Ele entende que esse processo vai ser representado de diversas formas, uma delas sendo as obras de arte criadas em diversas culturas, e que estudar esses símbolos seria uma forma de recuperar vestígios da história do desenvolvimento da consciência.

Com isso, tem-se um breve entendimento do surgimento da arte e dos motivos por qual o ser humano implementou esse hábito na sua vida, além de mostrar como o desenvolvimento cognitivo e neurológico da espécie humana permitiu que esse fenômeno ocorresse. Certamente ainda há muitos outros fatores e nuances quanto a expressão artística e sua função no psiquismo humano. No entanto, seria uma intenção quase pretensiosa tentar, a partir deste artigo, encontrar a resposta definitiva para o acontecimento da arte. Intenciona-se, então, trazer a atenção para o tema e, talvez, ser um catalisador para outras discussões sobre o assunto em pauta.

3 ARTETERAPIA

Agora que foi abordado, ainda que brevemente, a origem da arte junto ao ser humano e, conseqüentemente, junto à psicologia – esta não enquanto ciência, mas enquanto o conjunto de elementos e fatores que estruturam a mente humana – será tratado a seguir sobre como essa arte pode ser aplicada objetivamente na psicologia como ciência.

Há um movimento dentro da psicologia que se utiliza da arte dentro do *setting* terapêutico. Esse conjunto de técnicas é chamado de arteterapia, a forma mais clara da junção entre arte e psicologia.

Primeiramente, é importante entender do que, exatamente, se trata essas técnicas. Arteterapia pode ser definida como uma maneira de se expressar, dando forma a símbolos, dentro de um processo terapêutico (PHILIPPINI, 1998). Já a União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT) define que a arteterapia é simplesmente o uso da arte como base para o processo terapêutico.

Um aspecto importante, que deve ser notado e que é uma das principais características da arteterapia, é a pouca relevância que a forma e a técnica artística têm nesse tipo de procedimento. Não se trata da habilidade ou capacidade criativa e motora do indivíduo, mas sim de uma oportunidade dessa pessoa se expressar e dar forma, ainda que abstrata, a certos sentimentos e emoções.

Dentro da arteterapia há, basicamente, duas linhas de pensamento que podem ser utilizadas. A primeira é a arte como terapia, que foca no fazer artístico e nos benefícios que a prática da produção da arte pode trazer ao indivíduo, uma vez que o processo criativo está intrinsecamente ligado à cura. A segunda seria a arte psicoterapia, com o enfoque voltado para o processo terapêutico em si, bem como

para a estruturação de uma relação terapêutica otimizada, fundamentando-se em técnicas psicoterápicas e com embasamento teórico visando uma melhoria nos aspectos emocionais e psicológicos da pessoa (HEIJDE, 2006).

Vygotsky (1999) é um bom exemplo de autor que explora e trabalha essa arte como terapia. Em sua obra *Psicologia da Arte*, ele fala sobre a importância que a atividade artística tem sobre a vida das pessoas, exaltando o papel transformador que o criar tem.

Reis (2014, p. 149), quando escreve sobre a arte a partir da visão da psicologia histórico-cultural, diz que Vygotsky “parte do que está dado, do que é conhecido, reconfigurando-o em uma nova forma a partir da imaginação”.

A utilização da arte como uma forma de promover uma melhoria na saúde e na experiência cotidiana das pessoas surge há muitos anos. De acordo com Phillipini (1995, p. 1) “Já no século 5 a.C. existem registros da arte sendo usada na Grécia, como um recurso terapêutico para a promoção, manutenção e recuperação da saúde”.

A arte na contemporaneidade, enquanto forma de promoção da saúde, também atinge as pessoas dentro de uma perspectiva social. Quando se considera a arte como um instrumento terapêutico, ela pode facilitar a inclusão social de pessoas com deficiência, física ou mental. A expressão artística permite e facilita o autoconhecimento e a autoestima, possibilitando ao indivíduo a busca de uma harmonia consigo mesmo (SOUZA, 2009.)

Assim, pode-se ver a arte como instrumento de valorização e inclusão do indivíduo que acabaria sendo marginalizado. Não apenas pessoas com deficiência, mas todos aqueles que, de uma forma ou de outra, não se sintam completamente integrados no meio em que vivem. A valorização da autoestima e o reconhecimento de uma sensação de pertencimento são aspectos muito importantes na manutenção da saúde mental dessas pessoas. A arte surge, portanto, como forma de inclusão e acolhimento de grupos sociais minoritários.

Contudo, a arteterapia enquanto método aplicado, utilizado na psicologia, só surgiu recentemente. Apesar disso, não foi muito depois da estruturação da psicologia enquanto prática científica que os primeiros movimentos da aplicação da arte no processo terapêutico começaram a surgir.

A arteterapia tem suas raízes nos trabalhos de Freud e Jung, realizados em algum momento entre o final do Século XIX e o início do século XX. São esses dois

autores que vão estruturar a base para o desenvolvimento da arteterapia (FERREIRA, 2009).

No entanto, Freud não chegou a realmente aplicar a arte em seus trabalhos. A psicanálise deixaria a imagem em segundo plano, uma vez que ele as via como uma cortina que tenta disfarçar os desejos do inconsciente. Ele se preocupava muito mais em tentar achar significado nas produções artísticas, essas que viriam de uma área profunda do inconsciente. Ele passaria, então, a analisar essas imagens que surgiriam do inconsciente, reduzindo-as, quase sempre, a motivos de natureza sexual (SILVEIRA, 2001).

Foi Jung que realmente começou a aplicar a arte no processo terapêutico. Ao contrário de Freud, ele via na imagem um espelho do que acontece na psique, não uma tentativa de disfarçar essa psique. Ele se utilizava da arte, pedindo que seus pacientes pintassem aquilo que estava em seu íntimo, como forma de facilitar a comunicação com o paciente, uma vez que ele acreditava que a capacidade de dar forma aos conteúdos inconscientes, transformando-os em imagens, independente de qual fossem, é uma maneira de expressar, pela arte, o inexprimível pela palavra (SILVEIRA, 2001).

De acordo com Ferreira (2009), “Jung utilizava os desenhos livres como facilitador da interação verbal, priorizando a expressão artística e verbal como componentes de cura.” Além disso, Jung via algo de terapêutico na própria criatividade.

Parte do motivo pelo qual Jung se destaca tanto no desenvolvimento e fundamentação da arteterapia vem na própria natureza da arte. Quando se fala em arte, por diversas vezes, fala-se em uma projeção do simbolismo humano. Essas projeções remetem às imagens arquetípicas descritas por Jung. Justifica-se, então, a influência de Jung no arteterapia (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007).

Contudo, a criação da arteterapia como a conhecemos hoje, só foi surgir em 1941, quando Margareth Naumburg, grandemente influenciada pelas ideias citadas aqui anteriormente, começou a sistematizar a arteterapia, especialmente para além do campo da psiquiatria. Ali, surgia de fato, a junção definitiva entre arte e psicologia. Apesar de não ter sido a primeira pessoa a utilizar o termo “arteterapia”, Naumburg foi a primeira a separar a arteterapia enquanto um campo específico. Por esse motivo ela ficou conhecida como a mãe da arteterapia (FERREIRA, 2009).

Outro importante nome na consolidação da arteterapia foi o de Edith Kramer. Sendo artista ela mesma e criada em uma família com fortes ligações com a arte, ela encontra a contribuição da arte para a psicoterapia em suas próprias produções artísticas. Também influenciada pela psicanálise freudiana, ela vai dar uma maior atenção ao processo criativo e de produção da arte do que ao resultado final dela. Ou seja, o fazer artístico é priorizado em detrimento à interpretação e análise da obra realizada. Esse último aspecto de seu trabalho rendeu a ela críticas por parte de Naumburg, que pensava ser essencial a interpretação e o entendimento do produto final (FERREIRA, 2009).

Essa divergência de ideias entre Kramer e Naumburg ilustra muito bem a separação entre a arte como terapia e a arte psicoterapia. Ainda que haja benefícios para ambos os casos, são perspectivas diferentes da utilização da arte enquanto ferramenta de melhoria da saúde mental. Mesmo que ambas são válidas, o debate a respeito da utilização de uma e não de outra é inevitável.

A história da arteterapia no Brasil começa quase tão cedo quanto os trabalhos de Jung e Freud, citados anteriormente. Já em 1923, Osório César, psiquiatra fortemente influenciado pela psicanálise, começou a se utilizar da arte dentro do hospital, sendo um pioneiro dessa abordagem no país. Já em 1946, Nise da Silveira, também psiquiatra, começou a tentar interpretar as imagens produzidas pelos pacientes no centro psiquiátrico onde trabalhava, claramente inspirada pelos trabalhos de Jung (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010).

Nise da Silveira, inclusive, manteve contato com o próprio Jung durante um certo período de tempo. O contato surgiu, primeiramente, após ela observar que boa parte das produções de seus pacientes eram desenhos em forma de mandala. Seus trabalhos com a arte deram a ela reconhecimento nacional e internacional, uma vez que Jung valorizava seus feitos na área (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007).

Alguns outros nomes foram importantes para a consolidação da arteterapia no Brasil. Já em 1957, a psicoterapeuta Maria Margarida Moreira J. de Carvalho publicaria uma pesquisa sobre o teste de figura humana com pacientes psiquiátricos com o intuito de medir o nível de inteligência e personalidade. Assim, percebia como a arte poderia ajudar nos diagnósticos. Foi ela que, em 1980, criou o primeiro curso de arteterapia no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. Em 1983, Ângela Philippini, que baseava seu trabalho a partir de Jung, criou, no Rio de Janeiro, a

Clínica Pomar, onde começou a fornecer cursos de formação em arteterapia (FERREIRA, 2009).

Uma vez que já foi abordado os conceitos básicos do que é a arteterapia, um pouco sobre sua origem e sua história no Brasil, é interessante que seja abordado, a seguir, algumas formas com as quais se pode aplicar diretamente a arteterapia em alguns contextos terapêuticos.

Uma das áreas onde se pode aplicar a arteterapia é a neuropsicologia. Indivíduos com a necessidade de reabilitação neuropsicológica podem se beneficiar enormemente da arteterapia. Ainda que possa haver uma certa dificuldade por parte dos pacientes com transtornos neuropsicológicos, de forma alguma tornaria o trabalho do arteterapia impossível.

A utilização da arte no processo de reabilitação neuropsicológica ainda é uma abordagem um tanto recente, que necessita de mais pesquisas e estudos, porém, a prática e experiência de alguns profissionais já mostra a capacidade da arte de ser um meio reabilitador. A apreciação de obras de arte, por exemplo, pode ajudar pessoas portadoras de Alzheimer. Pedindo ao paciente que faça um desenho interpretando a obra observada, ajudaria que esse indivíduo fixe detalhes dessas obras em sua memória (SOUZA, 2009).

Os benefícios que a arte, ao longo da vida, pode trazer para o sistema nervoso humano não se limita a pacientes já diagnosticados com transtornos neuropsicológicos, mas para qualquer pessoa que puder se expor a essa arte por meio de determinadas técnicas.

Pode-se exemplificar essa ideia afirmando que:

Por meio da arte utilizando as técnicas mais variadas, pode-se estimular o lado direito do cérebro e buscar integração entre os dois hemisférios, equilibrando o uso de potencialidades e ativando a flexibilização do pensar e a capacidade de associação e abstração. O ideal é que seja utilizado todo o potencial do cérebro, pois a utilização desequilibrada durante a vida dos hemisférios pode contribuir para doenças degenerativas. (SOUZA, 2009 p. 26).

Pode-se observar, então, que a estimulação de ambos os hemisférios do cérebro pode trazer diversos benefícios para o indivíduo. A arte, assim, se apresenta como uma das possíveis ferramentas a serem utilizadas nesse processo de incitamento das capacidades neuro-cognitivas, assim como na possível prevenção de doenças.

Outras formas de arte também se mostram efetivas na reabilitação de pacientes com transtornos neuropsicológicos. Por exemplo, alguns estudos realizados com a utilização da música no tratamento de pacientes com paralisia cerebral, Doença de Parkinson, traumatismo craniano e em pessoas que sofreram AVC mostram que engajar com atividades rítmicas pode facilitar o restabelecimento dos movimentos nesses pacientes. Além disso, a música se mostrou eficaz na recuperação da fala, regulação da aprendizagem, funções de execução e na memória. Por último, estudos realizados com pacientes portadores de Mal de Alzheimer sugerem que as memórias relacionadas a música seriam mais resilientes às influências neurodegenerativas (SOUZA, 2009).

A música, portanto, poderia estar intrinsecamente ligada a diversos processos neurológicos, desde a memória até a coordenação motora. Entender a forma como o cérebro percebe e experiencia a música pode fornecer novas perspectivas não só para o tratamento de pacientes neuropsicológicos, mas para como o indivíduo percebe a si mesmo.

A arteterapia, como mencionado anteriormente, pode ser aplicada em vários contextos. Além da reabilitação neuropsicológica, uma outra área que se mostra apta para a atuação da arteterapia é a promoção do desenvolvimento de crianças em contexto de hospitalização.

Valladares e Silva (2011) promoveram uma pesquisa no tratamento psicológico em crianças hospitalizadas, se utilizando de ferramentas e técnicas da arteterapia. O estudo visava comparar o desenvolvimento dessas crianças, antes e depois das intervenções com arteterapia. Elas partem do princípio de que a arte poderia permitir que essas crianças tenham a possibilidade de melhor encarar a situação em que se encontram, seja estimulando seu desenvolvimento, seja restabelecendo o equilíbrio emocional. Portanto, diante da ideia de que a hospitalização infantil poderia afetar negativamente o desenvolvimento da criança, chega-se ao questionamento de que, talvez, a arteterapia poderia ser utilizada como elemento de apoio e promoção desse processo.

Essa mesma pesquisa mostrou que o trabalho com arteterapia permitiu que as crianças participantes do estudo desenvolvessem maior autonomia, criatividade e dinamicidade. Além disso, os resultados mostram que, de modo geral, o funcionamento físico, os padrões de relacionamento, humor, afetos e expressões temáticas tiveram um progresso significativo. Observou-se que as crianças se

tornaram mais rápidas e dinâmicas nas suas produções artísticas, mais amigáveis, comunicativas e relaxadas. Além do mais, é perceptível que a arte, enquanto forma de expressão e comunicação, é um processo natural para a criança, que ocorre de acordo com seu desenvolvimento emocional, mental, psíquico e perceptual. Por fim, a arte se apresenta, também, como uma forma de estender o alcance da experiência à pessoa. Assim, a criança tem autonomia para aderir à intervenção proposta para ela (VALLADARES; SILVA, 2011).

Como pode ser observado diante dos dois estudos citados anteriormente, a arte pode ser usada enquanto ferramenta em contextos muito diversos. Os estudos apresentados relatam experiências com pessoas de idades enormemente diferentes – desde o idoso que possui Mal de Alzheimer até a criança hospitalizada – e em realidades muito diferentes.

Seja como forma de inclusão social, combatendo o capacitismo ou trazendo perspectivas diferentes para uma população fragilizada, seja em forma de terapia seja, como uma forma de melhor entender o cérebro humano, a arte se mostra presente e útil em diversas esferas do cotidiano das pessoas. Seria leviano desconsiderar as possíveis contribuições da arte na manutenção do bem-estar e da saúde mental da população.

A arteterapia, como visto acima, é uma das formas em que a arte atua diretamente no cotidiano do indivíduo, tanto dentro do *setting* terapêutico quanto fora dele. Dessa forma se pode observar mais claramente quais os benefícios que essa arte pode trazer para a psique humana.

4 ALGUMAS OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE E A PSICOLOGIA

Tendo este trabalho tratado dos temas sobre a origem da arte e a aplicação desta no ambiente terapêutico e em outros contextos diretamente relacionados à psicologia através da arteterapia, bem como a arte em si como forma de terapia, torna-se interessante trazer alguns outros aspectos que rodeiam essa relação entre arte e psicologia.

Durante esta parte do artigo, alguns outros pontos que se entende relevante para o tema serão abordados. Tópicos como análises científicas da arte, análise da arte através da lente da psicologia e os efeitos que a deterioração ou alteração nos aspectos neuro-cognitivos do indivíduo pode ter sobre sua produção artística.

Um ponto que pode se mostrar relevante quando se discute a arte dentro da psicologia é a ideia do estudo da arte sob um olhar científico. Uma vez que se possa observar a arte como um objeto de estudo, a partir de um ponto de vista metodológico, seria possível ter um melhor entendimento das possíveis intersecções entre a arte e outras áreas de estudo, dentre elas a psicologia.

Contudo, para entender a arte enquanto área de estudo, primeiro faz-se necessário um breve mergulho no conceito de estética. Quando se fala do termo estética, que vem do grego *aísthesis* e significa sensação ou sentimento, enquanto disciplina visa analisar o complexo das sensações e dos sentimentos, investigar sua integração nas atividades físicas e mentais do homem, debruçando-se sobre as produções, sejam elas artísticas ou não, da sensibilidade, procurando determinar suas relações com o conhecimento. Apesar de a estética nem sempre abordar produções necessariamente artísticas, a obra de arte acaba ganhando um lugar de destaque (ROSENFELD, 2006).

Vygotsky (1999) vai dividir o campo de estudo da estética em duas correntes de pensamento: a psicológica e a não-psicológica. Ao primeiro, ele se refere como “estética de cima para baixo” e ao segundo como “estética de baixo para cima”. Essa estética de cima acabaria, cada vez mais, enxergando a influência da psicologia e seu papel ao lado da arte e da estética, tornando a arte e a psicologia dois conceitos quase intrínsecos um ao outro. A estética de baixo iria sustentar uma opinião exatamente oposta.

Vygotsky vai dizer, ainda, que essa estética de cima, ou seja, a de caráter psicológico, acredita ser necessária uma base sociológica e histórica para a construção de uma teoria estética qualquer.

Vai-se tomando consciência cada vez mais clara da ideia segundo a qual a arte só poderá ser objeto de estudo científico quando for considerada uma das funções vitais da sociedade, em relação permanente com todos os outros campos da vida social e no seu condicionamento histórico concreto. (Vygotsky, 1999, p. 9).

Vygotsky (1999) continua por dizer que, dentre as teorias sociológicas sobre a arte, a que mais toma um lugar de destaque é a teoria do materialismo histórico. Esta teoria buscaria construir uma análise científica da arte a partir dos mesmos princípios teóricos utilizados em outras áreas de estudo da vida social, e, de maneira completamente compreensível, revelaria nítidas tendências a reduzir à psicologia as questões de estética teórica.

A partir dessa teoria, o divisor do campo da estética mudaria, deixando de separar entre estética de cima e estética de baixo, mas passaria a separar a estética entre a sociologia da arte e a psicologia da arte, assumindo que esses campos possuiriam pontos de vista específicos sobre o mesmo objeto de estudo. A partir desse ponto de vista, pode-se enxergar a arte como uma das formas de ideologia (VYGOTSKY, 1999).

De acordo com os estudos sobre a arte realizados por Pliekhánov, ainda de acordo com Vygotsky (1999), os mecanismos psicológicos que determinam o comportamento estético do homem sempre seriam determinados por elementos de origem sociológica. A partir disso, o estudo do funcionamento desses mecanismos caberia à psicologia, enquanto entender seu condicionamento caberia à sociologia. Ele ainda vai dizer que todas as ideologias tem a psicologia de determinada época como fator base em comum, e que o psiquismo do homem social é um fator base para todas ideologias de uma determinada época, entre elas a própria arte. Se partir dessa ideia, a arte seria determinada e condicionada pelo psiquismo desse homem social. Essa ideia seria um esboço para uma concordância entre a estética de cima, fundamentalmente psicológica, e a estética de baixo, antipsicológica, a partir de um campo de estudo baseado na sociologia marxista (VYGOTSKY, 1999).

Entende-se importante a menção dos trechos mencionados anteriormente, bem como uma breve explanação sobre alguns termos ali utilizados, pois esses abordam dois pontos importantes para a construção e compreensão da proposta deste trabalho.

O primeiro ponto que chama a atenção nesses trechos citados, é como eles exemplificam o processo de compreensão sobre como a arte, ou a estética, caminha bem próxima a psicologia. Demonstra que, ainda que houvesse resistência, a ideia de que haveria uma clara sinergia entre a multidisciplinaridade da arte e da psicologia. Exaltar essa relação se torna importante, uma vez que o matrimônio entre essas duas áreas do saber é a base para este trabalho e muitos outros, inclusive os aqui citados anteriormente.

O segundo ponto abordado é sobre a estética. A estética enquanto disciplina pode ser de grande relevância para o estudo psicológico da arte. A compreensão, ou a tentativa de compreender o belo é um aspecto inerentemente psicológico. A habilidade de observar e assimilar a produção de qualquer coisa que poderia ser considerada bela é única do psiquismo humano. Compreender o que motiva a

produção e a apreciação do belo é, ultimamente, compreender uma parte do funcionamento da psique humana.

Todavia, não só isso torna a estética um ponto relevante para a psicologia. A observação criteriosa e a análise das obras de arte, que são objetos de estudo do campo da estética, também se relaciona diretamente com a psicologia.

Este artigo não poderia deixar de dedicar, ainda que rapidamente, um espaço para a análise psicológica das obras de arte. Não é incomum que se veja críticos de arte, independente de qual seja ela, realizando análises dessas obras a partir das lentes da psicologia. A psicanálise, por sua própria natureza, é uma das abordagens psicológicas mais utilizadas nesses casos. Muitos psicanalistas, entre eles o próprio Sigmund Freud, se dedicaram a voltar os olhares de seus trabalhos para a arte e os artistas. A seguir, será tratado um pouco da visão freudiana a respeito da arte, daqueles que a produzem e daqueles que a consomem.

Se puder ser considerado que, inicialmente, a arte seria possivelmente usada como uma forma de distinguir grupos sociais, ou quais funções cada indivíduo teria dentro daquele grupo, como visto em tópicos anteriores citados aqui neste trabalho, deve-se assumir que os artistas também pertenceriam a um grupo social específico. Ao longo dos anos, e até os dias contemporâneos, o trabalho do artista se diferencia de muitos outros papéis sociais, uma vez que se olha para a arte como algo não essencial para a sobrevivência do ser humano enquanto espécie, exercendo uma função mais estética.

Com isso em mente, levanta-se o questionamento quanto ao que forma o artista. Descreve-se sobre como a arte surge junto à psique humana, mas é sabido que nem todo indivíduo tem a habilidade, e a vontade, de se dar à produção artística. Acredita-se ser relevante o entendimento do que faz o artista, qual o processo psicológico ou biológico que diferencia o artista dos membros de outros grupos sociais?

Freud (2015), em seu texto *O Poeta e o Fantasiar*, se dispõe a abordar essa questão. Ele vai dizer que os primeiros indícios dessa qualidade artística surgiriam ainda na infância. A criança, de acordo com ele, cria seu próprio mundo através da brincadeira, reorganizando sua realidade para algo que mais a agrada. A criança leva muito a sério sua brincadeira, ainda que consiga separar enfaticamente seu mundo de brincadeira do mundo da realidade. O poeta, em movimento semelhante ao da

criança, cria um mundo de fantasia que leva a sério, mobilizado por um grande apelo afetivo e que se difere rigidamente da realidade.

A criança, segundo Freud (2015), quando cresce, deixa de brincar, renunciando ao prazer gerado pela brincadeira. A psicanálise trata, contudo, sobre a dificuldade que haveria em renunciar o prazer. O que acontece no adulto, na verdade, é uma substituição: a brincadeira se torna fantasia. O que diferencia esses dois conceitos é que na brincadeira, feita pela criança, os objetos imaginários são emprestados às coisas concretas, enquanto na fantasia, realizada pelo adulto, esse empréstimo cessa de existir. Assim, o adulto que volta a fantasiar começa a criar aquilo que chamam de sonho diurno.

Essa fantasia, de acordo com Freud (2015), surgiria necessariamente naquele que é insatisfeito, fazendo com que essas fantasias fossem a resolução de algum desejo interno não realizado daquele que fantasia, uma correção de uma realidade insatisfatória. O desejo insatisfeito seria, portanto, a força impulsora da fantasia. A partir dessa recaída à fantasia, o poeta, diante de uma forte vivência atual, deve despertar uma lembrança de uma vivência antiga, geralmente infantil, que catalisará o desejo da criação artística.

O grande problema aqui é que, em sua maioria, os adultos teriam vergonha de compartilhar esses sonhos diurnos e suas fantasias, que, mesmo se compartilhadas, dificilmente conseguiria trazer algum prazer para o observador. O poeta, no entanto, apresenta ao observador, previamente, suas brincadeiras e esclarece seus sonhos diurnos pessoais, o que permitiria a esse observador experimentar um grande prazer. A maneira como o poeta realiza essa ação é, supostamente, a partir de uma suavização do caráter desse sonho diurno por meio de alterações e ocultamentos, atingindo o observador por meio de um ganho de prazer puramente estético, oferecido através dessa exposição de suas fantasias (FREUD, 2015).

Assim, portanto, Freud (2015) tenta explicar, por meio de sua psicanálise, como funcionaria esse processo de expressão artística, ou de exteriorização de processos psicológicos no artista. Ainda que em seu texto ele descreva especificamente sobre os poetas, é possível que esses escritos possam servir como base para o desenvolvimento de uma linha de pensamento que busque explicar como surge e como funciona o fenômeno artístico, e porque ele se apresenta de maneiras diferentes em cada indivíduo.

Vygotsky (1999), ainda que tenha algumas opiniões em concordância com as de Freud, critica veementemente o reducionismo da análise psicanalítica da arte. A tendência psicanalítica de traduzir as obras de arte como uma máscara para os desejos internos não realizados, reduzindo as expressões do psiquismo humano para o desejo sexual e transformando o artista num prisioneiro dos acontecimentos de sua infância, são aspectos das obras psicanalíticas que Vygotsky (1999) vai criticar um tanto duramente sem sua obra *A Psicologia da Arte*.

Segundo Vygotsky (1999), enquanto analisava alguns autores psicanalistas, incluindo o próprio Freud, , uma vez que as obras de arte são desejos internos não alcançados exteriorizados através da ficção, vários psicanalistas diriam que escritores como Shakespeare e Dostoiévski não se tornaram criminosos eles mesmo, pois traduziram esses desejos em arte. A partir desse ponto de vista, a arte funcionaria quase como uma terapia para o artista. No entanto, a psicanálise tenderia a reduzir toda essa expressão artística dos poetas e escritores, necessariamente, a vivências de caráter sexual.

Considerando as afirmações de Freud (2015) em seu trabalho *O Poeta e o Fantasiar*, todas as obras de arte teriam seu fundamento nos desejos inconscientes, desejos esses que não combinariam com a norma social. Dessa forma, a partir da arte, esses desejos poderiam ser saciados pelo prazer propiciado pela forma artística. Vygotsky, no entanto, vai falar que falha ao tentar explicar essa forma artística. Ele diz que os autores psicanalistas não conseguem mostrar de maneira adequada como essa forma artística pode ser a fonte de prazer para o artista, de modo tal que a forma acaba sendo um “prazer preliminar” e conferindo o “prazer verdadeiro” ao conteúdo da obra (VYGOTSKY, 1999).

Para Vygotsky (1999), as teorias da psicanálise sobre a arte entram em conflito direto com alguns aspectos da psicologia social. Se o sexual for a base da arte e determinar a natureza e o destino do artista, ficaria completamente incompreensível o efeito da forma artística, sendo ela apenas algo secundário. Se a forma artística não é essencial, então esse prazer poderia de outras fontes não artísticas. Essa concepção reduziria o papel social da arte, fazendo com que ela fosse apenas uma forma de desviar a humanidade de seus vícios, suas insatisfações. A psicologia social, aponta dois erros essenciais na teoria psicanalítica. O primeiro seria a redução de todas as manifestações do psiquismo humano à atração sexual. Isso pareceria especialmente infundado quando aplicado à arte. Se fosse considerado um homem

alheio a sociedade, completamente entregue a seus instintos, talvez se mostrasse verdadeiro.

Mas seria impensável que o homem que participa das mais complexas atividades sociais não desenvolvesse outras formas de atrações e aspirações. Além disso, a psicanálise tenderia a subestimar gravemente o papel do consciente, de forma que toda obra artística surgiria como expressão do inconsciente. Contudo, iria completamente contra a psicologia social e somente fechando os olhos para muitos aspectos da realidade que alguém poderia afirmar que o escritor visa exclusivamente os conflitos inconscientes, não cumprindo nenhum papel social consciente em sua obra. Isso escancararia uma grande falha nessa teoria psicológica, uma vez que essa abordasse outras formas de arte que não fossem tão facilmente traduzidas para a linguagem da sexualidade, como a música. Isso leva a pensar que uma verdadeira teoria psicológica poderia unificar os elementos comuns indiscutíveis das obras tanto do músico quanto do poeta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a dar um maior enfoque na conjunção psicologia e arte. A partir de autores como Zaidel (2016), Kandel (2012) e Ferreira (2009), foi tratado sobre o surgimento da arte e como ela caminhou e colaborou com a forma com que a humanidade vê a si mesma, como ela expressa suas ideias e sentimentos, bem como o ser humano interage com seus pares.

Este artigo também mostrou como a arte impacta diretamente no cotidiano das pessoas, tanto dentro do ambiente terapêutico como fora dele. Ao falar de arteterapia e da arte como terapia, pode-se observar como essa arte é extremamente benéfica para a manutenção da saúde mental das pessoas que a produzem e a consomem.

Além disso, este artigo permitiu trazer algumas determinadas perspectivas referentes a análise psicológica da arte. A partir de um ponto de vista psicanalítico e, majoritariamente se contrapondo a ele, um ponto de vista histórico-cultural, pode-se fazer algumas considerações sobre como as pessoas são afetadas pela arte e como os artistas percebem e produzem as obras de arte.

Permitiu também, que fosse debatido sobre o papel da arte enquanto disciplina e campo de estudo científico. Ainda que seja um assunto muito brevemente

abordado, ele mostra como a arte e a psicologia podem ser usadas em conjunto, a partir de um ponto de vista metodológico.

Finalmente, esta revisão de literatura visava, além de seus objetivos metodológicos principais, levantar uma discussão relevante a respeito do papel social e terapêutico da arte; demonstrar os possíveis benefícios que a multidisciplinaridade pode trazer para a prática psicológica, mesmo em um campo aparentemente alheio à psicologia, mas, principalmente, mostrar como a arte e psicologia andam juntas e a sinergia que essas disciplinas possuem.

Portanto, este artigo, uma vez que tenha respondido a tudo que ele se propôs a responder, cumpriu seu papel acadêmico. Mas caso ele tenha incentivado qualquer um dos leitores a continuar pesquisando e produzindo material acadêmico a respeito da arte e da psicologia, pode-se dizer que ele cumpriu seu papel social, concluindo o objetivo principal do autor.

REFERÊNCIAS

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Rev. Acta Paulista de Enfermagem**, Fortaleza, v. 23, n. 6, p. 859-862, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/ijape/a/9LVK4BKMMB5mrwXwjDbWgfh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 3 set. 2021.

FERREIRA, Renata Gonzalez. **Arteterapia – um processo expressivo**. Monografia (Especialista em arteterapia) – Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2009.

FREUD, Sigmund. **Arte, Literatura e os Artistas**. 1ª edição. São Paulo: Autêntica, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **Uma breve história da humanidade**. 1ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HEIJDE, Maria de Fátima Martins van der. **História da Arte e a Arteterapia**. Monografia (Especialista em Arteterapia) – Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2006.

KANDEL, Eric. **The Age of Insight: the quest to understand the unconscious in art, mind, and brain**. Nova York: Random House, 2012.

PHILIPPINI, Ângela. Mas o que é mesmo Arteterapia?. **Rev. Imagens da Transformação**, v. 5, n. 1, 1998. Disponível em: <https://www.arteterapia.org.br/pdfs/masoque.pdf>. Acesso em: 4 set. 2021.

PHILIPPINI, Ângela. Universo junguiano e arteterapia. **Rev. Imagens da Transformação**, v. 2, n. 1, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/3BVd0xt>. Acesso em: 4 set. 2021.

REIS, Alice Casanova. Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 1, p. 142-157, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2021.

ROSENFELD, Kathrin. **Estética**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney. **História da Psicologia Moderna**. 4ª edição. São Paulo, 2019.

SILVEIRA, Nise da. **O Mundo das Imagens**. 1ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2001.

SOUZA, Hilcilene Santiago de. **Reabilitação Através da Arte: uma nova perspectiva no tratamento dos transtornos neuropsicológicos**. Monografia (Especialista em Arteterapia em Educação e Saúde) – Instituto A Vez do Mestre. Rio de Janeiro, 2009.

UNIÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE ARTETERAPIA. **Ubaatbrasil**, c2021. Página Inicial. Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com>. Acesso em: 4 set. 2021.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso; SILVA, Mariana Teixeira. A Arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 443-50, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/qLSdNczBwvKHbXQzf3sMBLf/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021.

VYGOTSKY, Lev. **Psicologia da Arte**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZAIDEL, Dahlia. **Neuropsychology of art: neurological, cognitive, and evolutionary perspectives**. 2ª edição. Nova York: Routledge, 2016.